

## AS IMAGENS EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ENSINO SOBRE O MEDIEVO PARA ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS DO RIO DE JANEIRO

Guilherme Antunes Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é propor uma possibilidade de abordagem do período histórico conhecido como Idade Média por meio do uso de imagens, mais precisamente das miniaturas do códice *Rico das Cantigas de Santa Maria*. A produção desta obra e de outras foi coordenada por Alfonso X, entre os anos de 1270 e 1284 na corte de Castela. Além disso, entendemos que é necessário pensarmos criticamente o currículo mínimo proposto pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, que impõe um modelo simplista e restrito ao ensino de história.

**Palavras-chave:** Idade Média, Ensino de História, Cantigas de Santa Maria

## THE IMAGES IN THE CLASS ROOM: A PROPOSAL OF TEACHING OF MIDDLE AGES FOR PUBLIC SCHOOLS OF THE RIO DE JANEIRO

135

**Abstract:** The objective of this paper is to propose a way to approach of historic period as knowledge Middle Ages through use of images, more precisely of miniatures of the *Codex Rico of the Cantigas de Santa Maria*. The making of this work and others was coordinated for Alfonso X, between 1270 and 1284 at the court of Castela. Moreover, understand that is necessary a critically think about “minimum curriculum” proposed by Rio de Janeiro’s Government, which imposed a simplistic and restrictive model to teaching of History.

**Keywords:** Middle Ages, teaching of History, Cantigas de Santa Maria

### INTRODUÇÃO

Este texto surgiu a partir de um incômodo. Quando ingressei na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro como professor dos segmentos médio e fundamental no ano de 2014, deparei-me com uma estrutura curricular para o ensino de história fragmentada, simplificadora e, curiosamente, muito extensa. Trata-se do chamado Currículo Mínimo, (CM), de 2012: um programa que tem como finalidade “...

---

<sup>1</sup> Mestre em História Comparada. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada da UFRJ. Membro do Programa de Estudos Medievais da UFRJ. Professor dos ensinos Fundamental e Médio do Estado do Rio de Janeiro.

orientar, de forma clara e objetiva, os itens que não podem faltar no processo de ensino-aprendizagem, em cada disciplina, ano de escolaridade e bimestre” (SEEDUC, 2012, p. 2). Além de “orientar”, o documento visa “... estabelecer harmonia em uma rede de ensino múltipla e diversa” (SEEDUC, 2012, p. 2), ou seja, homogeneizar o ensino das diferentes disciplinas da rede pública estadual.

O desconforto referente ao CM ocorre devido a sua finalidade principal que é admoestar o educador no sentido de aderir a um programa escolar em que o processo de ensino-aprendizagem se vincule a um conteúdo pré-estabelecido. Para tomarmos um exemplo, observamos a parte inicial do conteúdo norteador para o 7º ano do Ensino Fundamental. As temáticas para o primeiro bimestre destacam as seguintes Habilidades e Competências: compreender as relações de trabalho na Idade Média; analisar as relações de poder na sociedade estamental; entender o papel da Igreja na concepção de mundo da sociedade medieval; identificar os elementos da crise do século XIV (SEEDUC, 2012, p.7).<sup>2</sup> Os objetos focalizados não expõem claramente suas diretrizes e quais são os processos históricos específicos que se pretende abordar, abrindo margem para uma maior abstração do educador.

136

Ademais, o conteúdo ministrado pelo professor deve ser informado em uma página de controle de notas *online*, denominado “conexão professor”, em que há um campo virtual destinado ao CM. Caso o professor não comunique se suas aulas foram equivalentes ao CM há uma advertência quanto à necessidade de fazê-lo.

Com o objetivo de regular e disciplinar o conteúdo lecionado, o CM tem um caráter desarticulador, visto que ainda busca manter uma cronologia inflexível e objetos intangíveis. Vejamos, por exemplo, o que é proposto para o primeiro ano de Ensino Médio: discutir a noção de Idade Média; compreender os conceitos de servidão, trabalho livre e nobreza; comparar o papel do Cristianismo e do Islamismo na construção da Ocidentalidade (SEEDUC, 2012, p. 6), além de aprendizados sobre Grécia e Roma. Todas essas temáticas foram selecionadas pela Secretaria de Educação para servirem de acolhimento para as propostas de aula do professor, o que a reboque, também acarreta no

---

<sup>2</sup>O calendário escolar do ano de 2015 destinava cerca de quatro semanas (três tempos de 50 min/semana) para o primeiro bimestre daquele ano para o ensino de história. Porém, o ensino de Idade Média deve ser dividido, segundo o CM, juntamente com o de Renascimento. Mas, há outras atividades que o professor deve cumprir que incorrem no preenchimento desse tempo, tais como, os exames do Saerj e do Saerjinho e a obrigatoriedade do aluno ter, no mínimo, três avaliações bimestrais (Portaria 419/2013), além das tarefas de planejamento escolar regulares.

subjetivismo do educador na escolha desse conteúdo. Trocando em miúdos, o professor, em princípio, “pode eleger qualquer assunto”, desde que “marque” no sistema *online*, sem precisar justificar que está de acordo com o CM.

Minha proposta rompe de certa forma, com o propósito do CM porque entendo que seleção dos conteúdos deve seguir critérios mais integradores para fins didático-pedagógicos, coerentes com as práticas de ensino e seu contexto em sala de aula. Dessa forma, concordo com Penin “... as decisões mais específicas do conteúdo de uma disciplina escolar (quais princípios, conceitos, situações, fatos) devem ser formuladas em nível da escola por quem a trabalhará” (PENIN, 2001, p. 45). Utilizei como experiência de ensino para o primeiro bimestre do primeiro ano do Ensino Médio, imagens como fontes históricas para estudarmos o medievo, o que implicou, devido ao tempo escasso do ano letivo, no prolongamento do conteúdo até o final do bimestre.

Daqui em diante utilizo a terceira pessoa do plural para me referir à experiência de elaboração das aulas para meus alunos.

### **As imagens como fontes históricas**

137

Para trabalharmos nossa proposta de aula utilizaremos as *Cantigas de Santa Maria* (CSM),<sup>3</sup> que foi um projeto coordenado pelo rei de Castela e Leão, Alfonso X o Sábio, e produzidas simultaneamente com outros projetos régios, entre os anos de 1270 a 1284 (FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, 2008-9, p. 334). As CSM formam um conjunto independente de quatro manuscritos. O que utilizamos para este trabalho é conhecido como códice historiado ou *Códice Rico*, o manuscrito T-I-1 (E2), pertencente à *Real Biblioteca del Monasterio de el Escorial* e foi elaborado entre os anos de 1280 a 1284, ano da morte de Alfonso X (**Idem**). As CSM têm a peculiar característica de possuir três narrativas relativamente independentes: a música, os poemas e as imagens.

Muito já se escreveu sobre o uso de iconografias como subsídio dos professores para definirem suas estratégias pedagógicas. O ensino de história, particularmente, deve ser construindo por meio do diálogo entre o professor e o *corpus* documental selecionado

---

<sup>3</sup>Usaremos as seguintes fontes impressas das CSM: a da *Universitatis Conimbrigensis*, editadas por Walter Mettmann, entre 1959 e 1972, e o fac-símile do *Códice Rico*, editado pela Edilán em 1979. Além desses, serão cotejadas duas traduções para o espanhol: a coordenada por Laura Fernández Fernández e Juan Carlos Ruiz Souza do *Códice Rico*, publicado em 2011, e a versão comentada também do *Códice Rico* de José Filgueira Valverde.

para, então, mediar a relação entre ensino e a aprendizagem em sala de aula, como já havia observado Paulo Knauss, ainda em meados da década de 90 (KNAUSS, 1996).

Quanto às imagens, particularmente o uso de fontes visuais no processo de aprendizagem, acreditamos que não se trata de uma complementariedade ao ensino tradicional ou uma forma de “atrair a atenção do aluno”. Ao contrário, a cultura visual como um campo epistemológico está se afirmando com pertinentes possibilidades de pesquisas acadêmicas.<sup>4</sup> Na prática escolar temos que nos atentar que a seleção da fonte deve partir de critérios devidamente construídos a partir daquilo que o professor propõe como recorte temático. Além disso, o documento histórico de caráter visual não deve meramente “ilustrar” outros documentos, ficando como coadjuvante. As imagens são testemunhos com significações complexas e, às vezes, como no período paleolítico, a única forma de comunicação e representação não escrita legada e preservada (CARDOSO, 1998, p. 301).

### **Sequência didática**

Usualmente utilizamos o termo “Idade Média” quando abordamos o período cronologicamente posterior à Antiguidade e anterior ao Moderno. Em geral, podemos verificar esse recorte nos livros didáticos e nos currículos escolares. Como uma construção temporal, cabe ao professor selecionar os temas relativos ao medievo e elaborar as aulas e suas respectivas sequências didáticas. Nosso objetivo é construir saberes a partir de metodologias de análise documental, em nosso caso as imagens, respeitando os limites e potencialidades da transposição didática.<sup>5</sup>

Escolhemos uma temática inicial: o cotidiano no medievo. Não se trata, necessariamente, de um conceito, mas de um eixo problematizador, isto é, um fio-condutor didático para discussões sobre os saberes de uma dada sociedade em seus usos e representações diárias. A ideia é sair da maneira mais enraizada de se abordar a história, tais como as grandes estruturas econômicas, as dicotomias engessadas de classe, as

---

<sup>4</sup> Apesar do diálogo fecundo que travamos aqui com a arte, utilizamos o conceito de *cultura visual* para marcar a diferenciação de disciplinas específicas, tais como as que giram ao redor da chamada *história da arte*. Isso porque acreditamos que a cultura visual se distingue paradigmaticamente por compreender que podemos pensar o campo visual historicamente, isto é, cada experiência contextual produz formas culturais diferentes do olhar, tanto do expectador quanto da imagem em si (MITCHELL, 2002).

<sup>5</sup> Apropriamo-nos do conceito de transposição didática de Chevallard quando reconhecemos o caráter específico de construção didática de saberes no contexto escolar, sendo um objeto próprio das relações do sistema didático professor-saber-aluno (Chevallard, 1991, p. 48).

relações sociais ahistóricas, etc. O objeto histórico pode ser ampliado, mas sem desconectá-lo e descontextualizado da proposta de ensino:

En una historia de lo cotidiano no puede faltar la historia de las comunidades tradicionalmente relegadas, ni los tabúes, ni lo escatológico, ni los milagros y maravillas. Tampoco han de quedar al margen los sentimientos: el amor la amistad, el odio, el miedo, los anhelos y los deseos, el sufrimiento o la envidia. Ni el cuerpo humano y su grado de conocimiento, ni el sexo, la enfermedad y la salud (hospitales, medicinas, medicamentos o curanderos), la higiene o la belleza y su cambiante concepto. Ni siquiera la historia de la alimentación, la gastronomía, el comer y el beber, o aspectos mucho más ocultos (CORRAL LAFUENTE, 2008, p. 8)

Nas *Cantigas de Santa Maria* o cotidiano da sociedade é apreendido no *scriptorium* alfonsino por intermédio dos desenhistas, pintores, poetas, tradutores e iluminadores a serviço do Rei Sábio. Apenas para citar um exemplo, o mundo do trabalho foi narrado nas imagens quando os miniaturistas “reproduziram” cenas das formas de construção arquitetônicas em algumas cantigas. O processo de construção de uma igreja gótica pode ser visto na cantiga 42 que narra a história de um rapaz que, para jogar bola,<sup>6</sup> coloca seu anel de casamento no dedo da Virgem Maria, mas acaba desfazendo seu matrimônio e dedicando-se ao culto mariano. O interessante é o pano de fundo que mostra uma igreja em reforma:

139



Figura 1, CSM, vinhetas 1 e 2, cantiga 42, *El Escorial*, manuscrito T-I-1 (E2)

<sup>6</sup>A cantiga faz referência a um jogo muito popular entre os rapazes: “... e jogavan à pelóta, que é jóg'o de que praz, muit' a ómões mancebos mais que outro jóg' atal” (ALFONSO X, O SÁBIO, 1959, p. 121).



Há vários utensílios nesse canteiro de obras. Vemos andaimes, baldes, os trabalhadores executando tarefas mutuamente, instrumentos manuais, etc. Rafael Gómez Ramos observou que o andaime é, na verdade, um instrumento tecnologicamente importante para a arte construtiva no século XIII, como o autor espanhol reproduziu para melhor visualização:

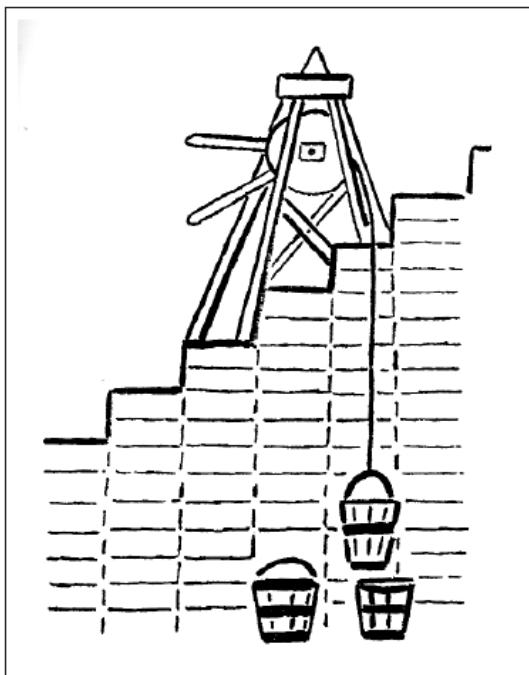


Figura 2, reprodução, (GÓMEZ RAMOS, 2013, p.139)

Partindo desses pressupostos didático-metodológicos, selecionamos para o primeiro encontro com os alunos, a cantiga 126, intitulada “Como Santa Maria curou um homem em Éliche de uma flecha que entrou em seus ossos da face” (ALFONSO X, O SÁBIO, 1959, p. 72).<sup>7</sup> Nela, um homem é atingido por uma seta e é auxiliado por médicos para retirá-la, o que não ocorre. Somente com a ajuda de Maria o artefato é removido.

O primeiro passo (cerca de 20 minutos): apresentação da fonte por meio de projeção digital que pode ser a tela de televisão ou *datashow*. Trata-se de uma imagem que, *a priori*, pode causar um estranhamento no espectador devido à quantidade de elementos que precisam ser observados pelos alunos:

---

<sup>7</sup> “Esta é como Santa María guareceu um óme em Éliche dũa saeta que lle entrara pelos óssos da faz”. [Tradução nossa.]



Figura 3, vinhetas 1 e 2, CSM, cantiga 126, *El Escorial*, manuscrito T-I-1 (E2)

Nesta etapa o aluno é desafiado a passar da contemplação à análise observacional da cena. Trata-se de um procedimento criterioso em que a capacidade de exercitar o olhar é estimulada devido às múltiplas possibilidades interpretativas da fonte. O professor não deve, nesse primeiro momento, fornecer quais objetos contidos no manuscrito o aluno deve se atentar. Segundo Knauss, “... o aluno que lê o mundo e não o professor, que fica com a função de orientador e animador” (KNAUSS, 1996, p. 38). A livre observação estimula a criatividade e pode trazer à luz componentes ainda não visíveis aos olhos do especialista. Cada aluno deve anotar os elementos que ele considera mais relevantes na cena. O professor pode sugerir que cada um narre a história, ressignificando as legendas.

141

Segunda etapa (cerca de 20 minutos): continuidade da história. É apresentada ao aluno a sequência da cantiga:



Figura 4, vinhetas 3 e 4, CSM, cantiga 126, *El Escorial*, manuscrito T-I-1 (E2)

Terceira etapa (cerca de 40 minutos): o aluno deverá conhecer alguns procedimentos metodológicos de análise de imagem.<sup>8</sup> Nossa primeira sugestão é a comparação. Apresentar outra iconografia que contraste com a primeira vinheta (figura 3) para que surjam as diferenças e similitudes entre elementos pertencentes à imagem:

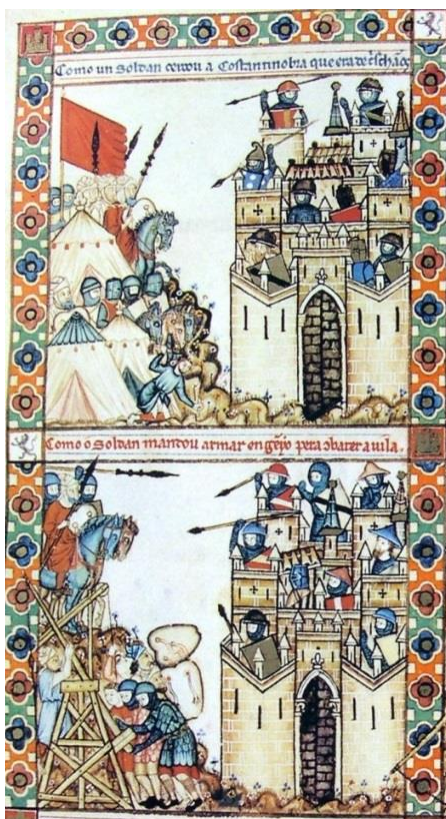


Figura 5, CSM, vinhetas 1 e 4, cantiga 28, *El Escorial*, manuscrito T-I-1 (E2)

O tema da guerra novamente surge como um treinamento do olhar. Novos objetos são inseridos para que sejam contrastados com a primeira sequência. O aluno é estimulado a verificar a presença e a ausência de elementos em cada vinheta. A cantiga 28 é conhecida como “Esta é como Santa Maria defendeu Constantinopla dos mouros que a combatiam e acreditavam que poderiam tomá-la.” (ALFONSO X, O SÁBIO, 1959, p. 83).<sup>9</sup> A cantiga narra a história de um sultão muçulmano da Síria que tenta tomar

<sup>8</sup>No Brasil há poucos livros específicos para metodologia de análise da cultura visual medieval. O professor terá que recorrer à rede virtual. Entretanto, foi publicado o seguinte livro em que há um capítulo dedicado a métodos de análise de imagens: SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens – ensaios sobre cultura visual na Idade Média**. Bauru, Edusc, 2007.

<sup>9</sup> “Esta é como Santa María defendeu Costantinóbren dos mouros que a combatían e a cuidavan fillar” [Tradução nossa.]



Constantinopla, mas é rechaçado pelo manto de Maria. Ao final, o islamita desiste de se apropriar da cidade e se converte ao cristianismo.

Menéndenz-Pidal reproduziu vários artefatos de guerra presentes nas cantigas (MENÉNDENZ-PIDAL, 1986, p. 282). O objetivo é facilitar a visualização do observador e construir uma arqueologia iconográfica:



Figura 6, a catapulta, MENÉNDENZ-PIDAL, 1986, p. 282

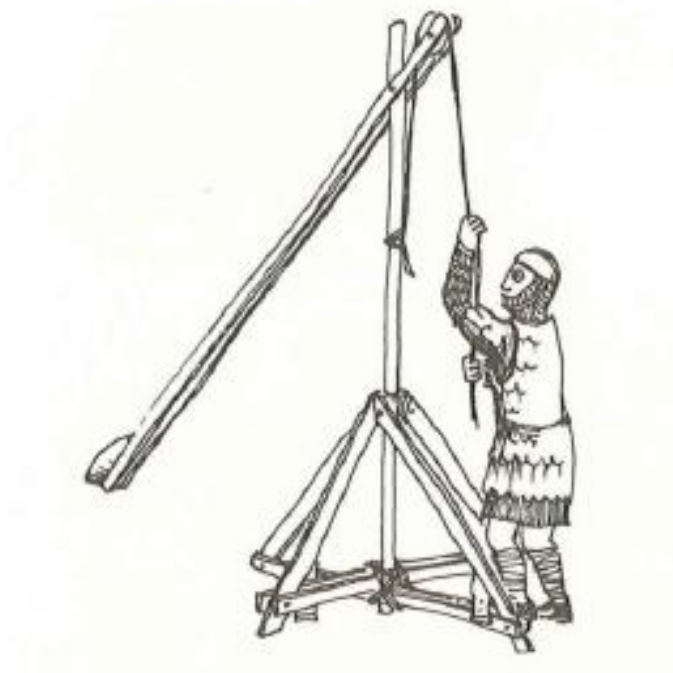


Figura 7, a catapulta, MENÉNDENZ-PIDAL, 1986, p. 283

144



Figura 8, tenda moura, MENÉNDENZ-PIDAL, 1986, p. 284

O professor poderá, também, exibir uma fotografia de um castelo medieval com estilo arquitetônico gótico ou românico, cujo objetivo é refletir sobre a verossimilhança das fontes históricas e os mecanismos representativos da cultura medieval. Não estamos afirmando que há uma decodificação do “real” presente nos documentos históricos, mas um *constructu* social e cultural, isto é, formas representativas e apropriações das experiências vividas e transpostas para o suporte manuscrito. Também, é importante

inserir o aluno nas discussões sobre preservação patrimonial e o legado cultural medieval europeu.

Ainda na terceira etapa, elencamos outro tema subsequente, para além da guerra, que é descrito na cantiga 126: a arte médica. Na segunda vinheta, observamos a tentativa de “mestre” (*maestria*) de retirar a flecha. No século XIII, as universidades se desenvolveram concomitantemente aos cursos de medicina e aos hospitais, com a contribuição específica das Sete Artes Mecânicas (*Artes Mechanicae*) e das traduções de textos árabes. Porém, os estudos das artes médicas eram muito diferentes de acordo com a *universitas* a que estava vinculada, mais com ênfase em lógica:

Em termos aristotélicos, o objetivo da educação médica era o conhecimento, *scientia*, que por definição correta, segura e verdadeira, derivava, logicamente, de primeiros princípios; conhecimentos que se ensinava em uma progressão lógica desde as causas universais aos efeitos específicos (GARCIA BARRENO, 2000/1, p. 371.) [tradução nossa]

Nesse sentido, vale destacar para o aluno que os saberes médico-filosófico iam além dos conhecimentos sobre o corpo-humano, pois, deveriam seguir a lógica e, sobretudo, à teologia.

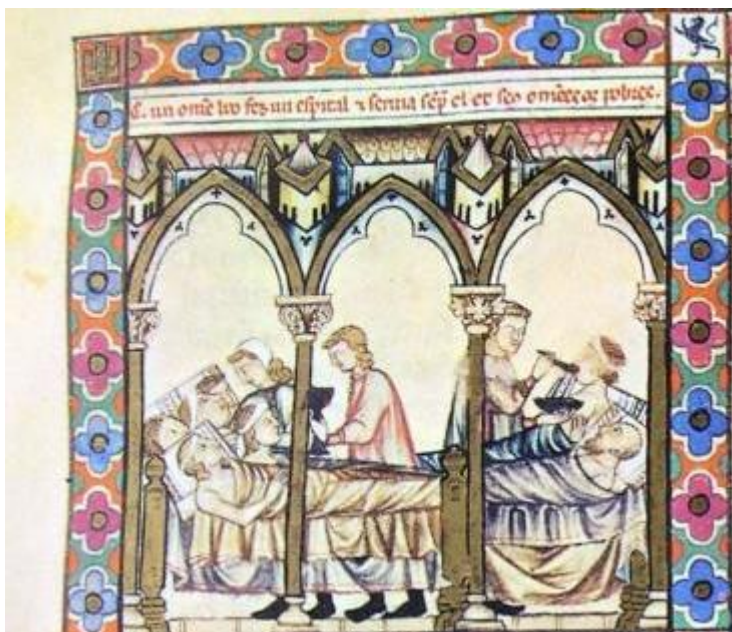


Figura 9, CSM, cantiga 67, *El Escorial*, manuscrito T-I-1 (E2)

A figura 10 mostra um hospital e o exercício da profissão. Cabe ao aluno comparar esta imagem à figura 3. Para o exercício comparativo, o observador poderá, por exemplo, tentar saber quais são os personagens e suas características nas cenas: idade aproximada, tamanho, posição física representada na iconografia, funções sociais, gênero, gestos, etc. há ainda, na figura 4, na terceira vinheta, um elemento de comicidade em que, para tentar retirar a flecha, os médicos, recolocam o artefato na besta e esforçam-se em relançá-lo ao contrário.

Para fechar a terceira etapa, o professor exibirá as últimas vinhetas da cantiga 126. Nela, o “paciente” recorre à Virgem Maria para auxiliá-lo na extração da flecha. A história se completa e a reorganização da sociedade é restituída graças à intervenção divina. O objetivo é demonstrar que o homem medieval evoca as figuras cristãs como uma forma de recompor estruturas que foram desestabilizadas. A cultura cristã e seus simbolismos estavam no centro das redes significações do mundo.

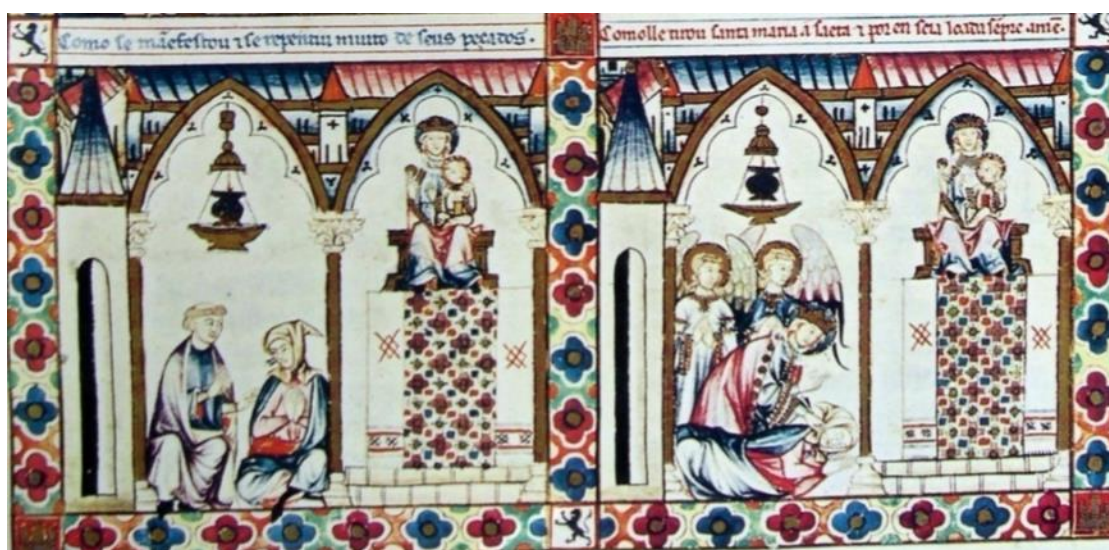


Figura 10, CSM, vinhetas 5 e 6, cantiga 28, *El Escorial*, manuscrito T-I-1 (E2)

Uma pergunta comum feita pelos alunos é: “isso de fato aconteceu?” A resposta é “não.” Trata-se de uma representação. Mas, ao mesmo tempo, deve ser explicado que as imagens traduzem uma perspectiva religiosa em que o mundo maravilhoso é demandado e que isso gera um sentido legítimo para o fiel, inclusive nos dias de hoje.

Quarta etapa (sem tempo definido): agora o que deve ser estabelecido é a passagem, gradativa, da análise da fonte para o contexto de produção. É habitual o



professor explicar o contexto e exemplificá-lo com fontes históricas. Nosso objetivo é tentar romper uma essa hierarquização comumente estabelecida em nossas escolas em que a fonte é uma espécie de amostra do quadro histórico. As seguintes perguntas poderão ser formuladas para desnaturalizar as iconografias, partindo de elementos internos da imagem para os externos:

1. Quem é o autor do manuscrito?
2. Quem produziu as imagens?
3. Quem são os personagens? Eles “existiram”?
4. Para quem as cantigas foram feitas?

Partir do documento histórico para o processo histórico implica em um engenho pedagógico complexo, todavia, esse procedimento envolve maior participação criativa no processo ensino-aprendizagem. O primeiro exercício de pesquisa poderá surgir de uma indagação: por que guerreavam? Ou, por que as imagens mostram um combate?

O contexto factual da cantiga 126 está relacionado com a chamada *Reconquista*, ou seja, a expansão de Reinos cristãos sobre áreas de domínio muçulmano.<sup>10</sup> A capitulação de Éliche, que formava parte da taifa de Murcia em meados do século XIII, estava vinculada à conquista de daquele território, entre 1243 e 1246, e sua conversão a um protetorado de Leão e Castela. O ainda infante Alfonso X havia dominado o Reino de Murcia graças à instabilidade política e a fragmentação em vários emirados. O rei Muhammad ibn Yûsuf ibn Hud enviou seu filho Ahmed para Toledo, no final de 1243, para negociar com dom Alfonso a submissão dos muçulmanos em troca da proteção dos reinos cristãos e do pagamento de tributos (SALVADOR MARTÍNEZ, 2010, p. 89). Houve uma sublevação *mudéjar* em 1265 que obrigou Alfonso X a pedir apoio de seu sogro Jaime I, rei de Aragão, levando à guerra de retomada da região, tanto por meio da força como pela diplomacia (SALVADOR MARTÍNEZ, 2010, p. 167-68).

No entanto, as experiências cotidianas dos guerreiros, seus artefatos, a violência da batalha, a estética da indumentária, as insígnias, etc. que podem despertar a curiosidade dos alunos. O professor poderá sugerir que pesquisem sobre armaduras medievais e outras

---

<sup>10</sup> Há poucos livros específicos no Brasil sobre o tema em língua portuguesa. Sugerimos: RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

armas, ou estabeleçam relações entre a guerra moderna e a do medievo. A violência também pode ser abordada como um estímulo à reflexão, tanto a partir da cantiga como por meio de outras fontes contemporâneas.

Ainda analisando as fontes, o professor poderá abordar o ensino na Idade Média. Desde as artes liberais (*Artibus Liberalibus*), disciplinas compostas pelo *trivium* - gramática, retórica e lógica – e o *quadrivium* - aritmética, geometria, música e astronomia, até a criação das universidades no século XII.<sup>11</sup>

Finalmente, a religiosidade medieval poderá ser um campo interessante para se ponderar. A busca por Maria como uma agente de capacidade curativa e de feitos miraculosos, bem como a expansão do culto mariano no Ocidente medieval a partir do século XII, insere o aluno nas discussões sobre os papéis da Igreja cristã como uma instituição de poder que procura ser porta-voz da religiosidade e da cultura em diferentes períodos históricos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

148

Quando é imposto um currículo escolar ao professor, deve-se primeiramente questionar qual o objetivo basilar dessa obrigação. Essa indagação deve partir do professor, dos gestores da educação, da escola e do aluno. Os atores envolvidos no processo educativo, porém, nem sempre terão a resposta. E, também, nem sempre a pergunta é feita. Este texto tenta interrogar as motivações dessas exigências verticais com uma proposta de aula que não segue, necessariamente, a obrigatoriedade de se trabalhar um conteúdo pré-definido.

Nossa sugestão é selecionar menos temas e investigar mais. Profundidade é mais importante que generalidades. Isso porque não conseguimos oferecer aos alunos aulas sobre Grécia, Roma e Idade Média em quatro ou cinco encontros! Optamos por articular tópicos que vão se problematizando a partir das fontes, respeitando a cronologia e a experiência histórica das narrativas. Sem a preocupação de “terminar” com o conteúdo exigido.

---

<sup>11</sup> Há disponível no Brasil a seguinte obra que trata cada uma das artes liberais segundo um especialista em cada uma das disciplinas: MONGELLI, Lênia Márcia. **Trivium e Quadrivium - as artes liberais na Idade Média**. Cotia: Íbis, 1999.

Abordar fontes não escritas é, sem dúvida, um desafio. Constituem esse tipo de documento, entretanto, ricas possibilidades interpretativas. As iconografias possuem suas próprias estruturas discursivas. As *Cantigas de Santa Maria* podem ser uma agradável maneira de iniciar abordagens históricas por meio da análise documental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO X, O SÁBIO. **As Cantigas de Santa Maria - Códice Rico de El Escorial T-I-1 - E2**. Madrid: Edilán, 1979.
- ALFONSO X, O SÁBIO. **As Cantigas de Santa Maria - Códice Rico de El Escorial T-I-1 - E2**. Coordenação de Laura Fernández Fernández e Juan Carlos Ruiz Souza. Madrid: Real Biblioteca del Monasterio de San Lorenzo de El Escorial, 2011.
- ALFONSO X, O SÁBIO. **As Cantigas de Santa Maria - Códice Rico de El Escorial T-I-1 - E2**. Versão de José Filgueira Valverde. Madrid: Castalia, 1985.
- ALFONSO X, O SÁBIO. **As Cantigas de Santa Maria**. Editadas por Walter Mettmann. Coimbra: Acta Universitatis Conimbrigensis, 1959-1972. 4 vols.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. Os Historiadores e as Imagens. In: SILVA Francisco Carlos Teixeira da (Org.). **História e Imagem**. Rio de Janeiro, PPGHIS/UFRJ, 1998.
- CHEVALLARD, Yves. **La transposition didactique – du savoir savant au savoir enseigné**. Paris: La Fenseé Sauvage, 1991.
- FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Laura. Cantigas de Santa María - fortuna de sus manuscritos. **Alcanate - Revista de Estudios Alfonsíes**, Sevilha, n.º 6, p. 323-348, 2008-2009.
- GARCÍA BARRENOS, Pedro. La Medicina Medieval – 1100-1500. In: Ciencia y Cultura en La Edad Media, n.º 1, 1998-99, La Oratava, **Atas...** Las Palmas de Gran Canaria: Fundación Canaria Oratava de Historia de la Ciencia, 2000-1. p. 235-391.
- GÓMEZ RAMOS, Rafael. Arquitectura y técnicas constructivas en la miniatura castellana del siglo XIII. In: MELO, Arnaldo Sousa e RIBEIRO, Maria do Carmo (Org.). **História da Construção – Arquiteturas e Técnicas Construtivas**. Braga: CITCEM/LAMOP, 2013. p. 135-151.
- LAFUENTE CORRAL, José Luis. La Idea de lo Cotidiano en la Pintura de la Baja Edad Media. In: LACARRA DUCAY, María del Carmen (Org.). **Arte y Vida Cotidiana en la Época Medieval**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2008. p. 7-15.
- MENÉNDEZ-PIDAL, Gonzalo. **La España del Siglo XIII Leída en Imágenes**. Madrid: Real Academia de la Historia, 1986.
- MITCHELL, W.J.T. Showing seeing - a critique of visual culture. **Journal of Visual Culture**, Londres, vol. 1, 2002, p. 165-181.
- MONGELLI, Lênia Márcia. **Trivium e Quadrivium - as artes liberais na Idade Média**. Cotia: Íbis, 1999.
- SALVADOR MARTÍNEZ, H. **Alfonso X, the Learned - a Biography**. Boston: Brill, 2010.
- SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens – ensaios sobre cultura visual na Idade Média**. Bauru, Edusc, 2007.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Currículo Mínimo**. Disponível em: [http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/curriculo\\_aberto.asp](http://www.conexaoprofessor.rj.gov.br/curriculo_aberto.asp). Acessado em 20 de julho de 2015.